

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 43 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.8191249>



GUERREIROS DE SELVA: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Tigernaque Pergentino de Sant'ana Junior¹

Resumo

Este trabalho tem como tema compreender o processo de construção da identidade do Guerreiro de Selva. Para isso, a pesquisa tem como objetivo analisar como ocorre o processo de construção da identidade do Guerreiro de Selva a partir das atividades desenvolvidas no Curso de Operações na Selva (COS), na convivência desses militares nas Unidades de Selva e na inter-relação entre o militar e a cultura amazônica. Utilizamos como procedimentos metodológicos a observação participante, realizada no Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), em outubro de 2020, onde foi possível estudar atividades como a cerimônia de entrega do Facão do Guerreiro de Selva, a formatura de brevetação e o encontro dos Guerreiros de Selva, além da realização de entrevistas com diversos militares da Divisão de Ensino do CIGS, possibilitando a criação de um contato íntimo com a vida do grupo estudado, o que permitiu a realização de observações detalhadas e minuciosas. Para a análise dos dados, adotou-se o procedimento de relacioná-los com os conceitos propostos por autores da sociologia e da antropologia. Os resultados da pesquisa evidenciam que esse processo de construção da identidade promove uma identidade forte nos Guerreiros de Selva, provocando modificações em sua maneira de ser, além de propiciar a aquisição de um capital simbólico que confere prestígio e *status*. Adicionalmente, desenvolvem características como autoconfiança e uma profunda conexão com a Amazônia, aspectos que os diferenciam dos demais militares do Exército Brasileiro.

Palavras-chave: Amazônia; Construção de Identidade; Guerreiro de Selva.

Abstract

This work aims to comprehend the process of building the identity of the Jungle Warrior. For this purpose, the research aims to analyze how the process of constructing the Jungle Warrior's identity occurs through the activities carried out in the Jungle Operations Course (COS), their coexistence in Jungle Units, and the interrelation between the military personnel and Amazonian culture. The methodological procedures included participant observation, conducted at the Jungle Warfare Instruction Center (CIGS) in October 2020, allowing the study of activities such as the Jungle Warrior's Machete ceremony, the graduation ceremony, and the Jungle Warriors' gathering. Additionally, interviews were conducted with several military personnel from the CIGS Education Division, enabling close contact with the studied group and allowing for detailed and thorough observations. To analyze the data, they were related to the concepts proposed by authors in sociology and anthropology. The research results demonstrate that this process of identity construction fosters a strong identity in Jungle Warriors, leading to modifications in their way of being, as well as the acquisition of symbolic capital that grants prestige and status. Moreover, it fosters traits such as self-confidence and a deep connection with the Amazon, distinguishing them from other military personnel in the Brazilian Army.

Keywords: Amazon; Identity Construction; Jungle Warrior.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema compreender o processo de construção da identidade do Guerreiro de Selva. No caso específico da formação do Guerreiro de Selva, que é especializado para atuar na Amazônia, devemos observar que essa é uma região do País que se destaca por ser culturalmente rica, principalmente no que se refere aos conhecimentos dos povos tradicionais sobre as nuances da natureza e sobre suas relações com as lendas e outras narrativas que são marcas da identidade do caboclo amazônico.

¹ Tenente Coronel do Exército Brasileiro. Doutorando em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). E-mail: tigermbox@hotmail.com



Essa riqueza cultural amazônica também é utilizada pelo Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) em diversos momentos do Curso de Operações na Selva (COS), e acaba sendo incorporada na identidade do Guerreiro de Selva, impactando na maneira como o Exército atua e interage com a população dessa importante região do Brasil, o que torna essa pesquisa relevante.

Para isso, a pesquisa teve como objetivo analisar como ocorre o processo de construção da identidade do Guerreiro de Selva a partir das atividades desenvolvidas no Curso de Operações na Selva, na convivência desses militares nas Unidades de Selva e na inter-relação entre o militar e a cultura amazônica.

Para identificar as lacunas de conhecimento sobre o assunto estudado, foram formuladas as seguintes perguntas: a. como ocorre o processo de construção da identidade do Guerreiro de Selva?; e, b. quais são as características identitárias dos Guerreiros de Selva?

Além da pesquisa bibliográfica, também foi realizada uma pesquisa de campo, com o objetivo de realizar a descrição do campo etnográfico onde ocorre a formação do Guerreiro de Selva, por meio de uma observação participante, realizada no CIGS em outubro de 2020. Também foram aplicados dois questionários para especialistas em operações na selva do Exército, visando descobrir, dentre outras coisas, se eles perceberam alguma mudança na maneira de ser após se tornarem Guerreiros de Selva.

A primeira seção do artigo começa com revisão de literatura, na qual apresentaremos um corpo de conhecimentos em busca de respostas sobre a influência que o meio social e que as instituições exercem na construção da identidade do sujeito. Na segunda seção, apresentaremos a metodologia utilizada na pesquisa, seguida da terceira seção, na qual analisaremos o campo onde ocorre a construção da identidade do Guerreiro de Selva e faremos a análise dos questionários respondidos pelos militares especialistas em operações na selva, destacando os resultados da pesquisa, seguindo para a apresentação da conclusão do artigo.

REVISÃO DE LITERATURA

Para a antropologia nenhuma identidade nasce pronta, todas são construídas, formadas pela unificação de signos, referências e influências sociais e institucionais, porém, sempre são inacabadas. A identidade é percebida pelas diferenças que apresenta em relação a outras identidades e, quanto maior for a marcação dessa diferença, mais forte deverá ser essa identidade (SILVA, 2012; HALL, 2006; DUBAR, 1997; BAUMAN, 2005; PRATT, 2012).

Hall (2006) introduz o conceito de "identidades culturais" ao explorar as diferentes facetas que compõem nossas identidades, as quais emergem de nosso "pertencimento" a diversas culturas étnicas,



raciais, linguísticas, religiosas e, principalmente, nacionais. Segundo o autor, as condições contemporâneas da sociedade têm promovido a fragmentação das paisagens culturais relacionadas à classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que anteriormente nos forneciam âncoras sólidas como indivíduos sociais.

Para Jun (2018), identidade social e identidade cultural são aspectos interconectados e entrelaçados do senso de si mesmo e de pertencimento de um indivíduo. A identidade social refere-se à parte do autoconceito de um indivíduo que é derivada de sua filiação a diversos grupos sociais, como nacionalidade, gênero, etnia, religião ou ocupação. Já a identidade cultural abrange as crenças compartilhadas, costumes, valores, tradições, idioma e artes que caracterizam um determinado grupo cultural.

A pesquisa de Mei e Symaco (2022) destaca que a construção da identidade é um processo dinâmico e não linear, caracterizado por constantes mudanças e transformações ao longo do tempo. Ao contrário de seguir uma trajetória linear e previsível, o desenvolvimento da identidade envolve interações complexas entre múltiplos fatores, como experiências de vida, interações sociais, valores culturais e contextos socioeconômicos.

Marques e Campos (2023), descrevem a importância de compreender a relevância de pensar a cultura para perceber sua influência na educação, sobretudo no currículo escolar. Para Nicácio e Miki (2023), a habilidade de comunicação intercultural no ensino permite compreender as particularidades culturais das diferentes etnias, sendo fundamental para as atividades escolares, principalmente na Amazônia brasileira.

Nesse sentido, ao estudarmos o ensino militar, percebemos que ele vai muito além do ensino profissionalizante, pois também desenvolve valores e espírito de corpo e, no Exército Brasileiro, tem como condicionantes difundir o civismo, valorizar a ética militar e cultivar as raízes, os valores e as tradições da Instituição (BRASIL, 2015), desenvolvendo uma cultura singular e forte que também deverá ser preparada para se relacionar com diferentes culturas de maneira harmoniosa.

Ao longo dos séculos, a Amazônia foi moldada por relatos de viajantes, que equilibravam visões entre a exploração das riquezas e uma perspectiva étnica do povo local. Temas como natureza exuberante, mulheres exóticas, riquezas e monstros míticos eram frequentemente descritos nos relatos sobre a região. Essas primeiras narrativas foram fundamentais para a formação dos conceitos iniciais sobre a Amazônia, e influenciaram as representações posteriores. Ao longo do tempo, a linguagem criou discursos, narrativas e identidades que julgavam o lugar e seu povo, construindo uma imagem paradisíaca ou diabólica da região. Essas imagens contribuíram para a formação de um imaginário coletivo sobre a Amazônia, tanto no Brasil quanto internacionalmente, baseado em conteúdos



discursivos historicamente construídos que refletem visões e discursos colonizadores (MIRANDA, 2023).

Woodward (2012) afirma que é a identidade que faz com que um grupo se diferencie do outro, pois propicia a sensação de pertencimento, fazendo com que para cada indivíduo a sociedade seja dividida em dois grupos: nós e eles. Os que são como eu e os que não são. Desse modo, sabemos quem somos por sabermos quem não somos. A identidade, portanto, é definida pela diferença, estabelecida por uma marcação simbólica relativa à outras identidades.

Segundo Bucholtz e Hall (2005, p. 371), “quando indivíduos decidem se organizar em um grupo, eles o fazem não mediante similaridades preexistentes e reconhecidas, mas sim mediante agência e poder”.

Sobre as instituições militares, essas possuem uma identidade institucional marcante, nas quais a disciplina e a hierarquia são os valores fundamentais a serem internalizados pelos sujeitos que delas fazem parte. Neste sentido, para manter uma formação homogênea, Foucault (2014, p.179) alerta que se deve:

[...] exercer sobre eles uma pressão constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo, para que sejam obrigados todos juntos “à subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina”. Para que, todos, se pareçam.

542

Goffman (1974) explica o funcionamento das Instituições Totais e como ela possui uma divisão básica entre os internados e a equipe dirigente. A equipe dirigente possui um mandato burocrático oficial, que serve para modelar a concepção que o internado tem de si. Dessa forma, o autor descreve o poder que as instituições totais possuem para realizar a reestruturação do self dos internados. Benelli (2014) explica que dependendo da instituição onde esteve o internado (escolas de elite, religiosas e militares), essa modelação pode causar-lhe um certo orgulho.

Para Carvalho (2019), as organizações militares possuem características e vida própria que não podem ser reduzidas a meros reflexos de influências externas, além de possuírem grande complexidade e se enquadrarem no conceito de Goffman (1974) de instituições totais.

Os mitos, os ritos e os símbolos são expressões que fazem parte das relações sociais e que agem, frequentemente, de maneira integrada, contribuindo para a construção da identidade individual e coletiva. Para Marques (2007), a mitologia também está presente no imaginário dos militares na Amazônia. A autora cita como exemplo a criação do mito do “Desbravador da Amazônia”, que seria o Capitão-Mor Pedro Teixeira, que teve um papel fundamental na expansão do domínio português sobre a Amazônia.



Muitos dos rituais estudados possuem características específicas de transição ou passagem. Genep (2011) realizou um estudo sobre os ritos de passagem e identificou a recorrência de três fases distintas: a separação, uma fase intermediária liminar de transição e a última de incorporação. A segunda fase, segundo ele, apresenta maior destaque e valorização por ser a responsável por, efetivamente, realizar a transição de uma situação para outra. A segunda fase é quando o indivíduo está transitando de uma fase à outra.

Nesse período ele sempre é considerado muito vulnerável, pois não pertence nem a uma categoria social, nem a outra, pois sua situação é a de quem deixou um grupo e, no entanto, ainda não foi incorporado por outro. Essa fase, de “passagem”, é geralmente a mais difícil, pois envolve perigo para aqueles que a estão realizando. Consequentemente, essa fase também é caracterizada por possuir muitos rituais, para que o sujeito complete, com segurança, sua passagem para outro status.

Damatta (2000, p.15) faz a pergunta. “Por que a fase de transição é a mais intrigante e a que representa um simbolismo mais rico nos ritos de passagem?” As características listadas são várias. Uma delas é apresentar “invisibilidade social plena, com perda de nomes, insígnias e roupas” referindo ao estudo de Turner (1974). Outra característica citada é a de que os ritos de passagem podem apresentar uma “exposição prolongada a exercícios físicos (...) nos quais o fracasso é ridicularizado” (DAMATTA, 2000, p.15).

Dessa maneira, podemos dizer que a passagem ou iniciação coloca o indivíduo num novo status, pois: “O que existe de interessante com relação aos fenômenos liminares no que diz respeito aos nossos objetivos atuais é que eles oferecem uma mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem” (TURNER, 1974, p. 118). Após obter esse novo status, o sujeito terá direito a ocupar um lugar entre seus novos pares, ou seja, passará a fazer parte do grupo.

[...] uma comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais. Prefiro a palavra latina *communitas* à comunidade, para que se possa distinguir esta modalidade de relação social de uma “área de vida em comum” (TURNER, 1974, p. 119).

Podemos dizer, então, que o rito funciona como uma marcação que separa os momentos anterior e posterior à mudança de status do sujeito, marcando também a diferença entre dois grupos preexistentes (os já iniciados e os não iniciados).

Em relação aos ritos profanos, tanto os objetos, os símbolos, os gestos, os comportamentos, as ideias e as regras que os compõem são tão inquestionáveis quanto àqueles dos ritos sagrados. Dessa forma, eles são tão sagrados quanto e produzem equivalente impacto afetivo e mobilizador nos indivíduos (BORGES, 2013).



Não é por acidente que, em toda a vida humana, o sagrado, o sacramental e o sacrificial coincidem. Algo se torna sagrada quando ele é destinado para um certo uso ⁷³ especial, e quando meios normais de usar algo sagrado são tabus. Além disso, as comunidades não sobrevivem sem sacrifício:

As pessoas são chamadas a darem suas vidas nos tempos de guerra [...] a comunidade é ameaçada com a extinção, enquanto o motivo para o sacrifício é enfraquecido [...] Por essa razão, surge a necessidade de rituais nos quais o sacrifício se apresenta como uma experiência comunal. Repetir esses mesmos rituais é o modo de unir as pessoas ao redor de uma necessidade compartilhada (SCRUTON, 2019, p. 204).

É nessa teia de significados que o grupo vai estruturando sua cultura, buscando manter sua identidade por meio das normas instituídas e das normas ocultas, em uma espécie de compromisso, constituindo um sistema simbólico, por meio das práticas específicas, que contribuirão para o fortalecimento da identidade do grupo (GEERTZ, 2008).

METODOLOGIA

Utilizamos uma abordagem quanti-qualitativa com o objetivo de obter informações teóricas e estatísticas sobre as características de uma parcela significativa do universo pesquisado, por intermédio do uso de pesquisa bibliográfica e por meio de questionários com questões abertas, fechadas e mistas, permitindo a realização de induções precisas e confiáveis sobre a população estudada, seguida de uma análise qualitativa para interpretar os dados levantados, permitindo a extração de considerações e de conclusões.

Após a pesquisa bibliográfica, foi realizada a pesquisa de campo com a finalidade de expor as características identitárias dos Guerreiros de Selva. Com esse objetivo, foi realizada a descrição do campo etnográfico onde ocorre a formação do Guerreiro de Selva, baseada na pesquisa bibliográfica e na observação participante realizada no CIGS em outubro de 2020, onde foi possível estudar atividades como a cerimônia de entrega do Facão do Guerreiro de Selva, a formatura de brevetação e o encontro dos Guerreiros de Selva, além da realização de entrevistas com diversos militares da Divisão de Ensino do CIGS, possibilitando a realização de observações detalhadas e minuciosas.

Ainda para a pesquisa de campo, foram desenvolvidos dois questionários como ferramenta de coleta de dados. O Questionário 1, que teve como universo de investigação os Guerreiros de Selva em geral (total de 6.603 até outubro de 2020), exigiu um número mínimo de 303 respondentes para se conseguir o nível de confiança desejado, meta que foi atingida com 306 respondentes. O Questionário 2, cujo universo investigado era composto por cerca de 120 indivíduos (até outubro de 2020), exigiu um



número mínimo de 88 respondentes para se atingir o nível de confiança desejado, meta que foi superada com 89 respondentes. Ambos os questionários atingiram o grau de confiança de 95%, com margem de erro de 5%. Dessa forma, utilizamos a análise quantitativa para apoiar o estudo qualitativo por se tratar de uma pesquisa com uma amostra relativamente grande, possibilitando uma ampla generalização estatística, o que auxilia na validação da pesquisa. O procedimento adotado foi o de relacionar os dados obtidos com referenciais teóricos da sociologia e da antropologia.

ANÁLISE E RESULTADOS

Durante toda a sua carreira, o militar convive com o risco, seja nos treinamentos, na sua vida diária ou na guerra, fazendo com que a possibilidade iminente de um dano físico ou da morte seja um fato permanente de sua profissão. Por essa razão, o exercício da profissão militar exige uma rigorosa e diferenciada formação, sendo necessário que o militar desenvolva atitudes como coragem, espírito de corpo, patriotismo e amor à profissão, por intermédio de atividades pedagógicas e de práticas específicas do ensino militar, as quais auxiliam no processo de formação da identidade militar.

O Centro de Instrução de Guerra na Selva é um estabelecimento de ensino militar bélico, que tem como missão especializar militares em operações na selva (CComSEx/CIGS, 2014). O CIGS foi criado no ano de 1964, dentro do contexto de ampliação do Poder Militar junto à Amazônia Setentrional, a partir de políticas públicas de integração regional e de defesa nacional que iniciou no final da década de 1930, e foi incrementada durante a ascensão dos militares ao centro do governo central do Brasil a partir de 1964 (GOMES; SENHORAS, 2020).

O Curso de Operações na Selva do CIGS é conduzido pela Divisão de Ensino (Div Ens), que tem a missão de gerenciar as atividades de ensino e aprendizagem (BRASIL, 2017). A Equipe de Instrução é composta por oficiais e sargentos que foram selecionados dentre os militares possuidores do COS, e nomeados instrutores e monitores do CIGS. Esses militares ministram as instruções previstas no currículo do curso. O currículo possibilita uma múltipla interpretação dos textos ou conjuntos de significados e autobiografia, pelos quais a subjetividade e identidade dos indivíduos são formadas (CAETANO; SENHORAS, 2021).

Existe uma frase, de autor desconhecido, muito usada no CIGS durante a despedida dos instrutores e monitores, que diz o seguinte: “As amizades forjadas nas agruras da selva jamais fenecem”. Essa frase sintetiza o espírito de amizade que existe entre os integrantes da Equipe de Instrução.

Para exemplificar esse sentimento, segue o fato marcante narrado por um 1º Sargento que desempenhou, em 2020, a função de Monitor do CIGS:



Todos os momentos em que precisei de ajuda de algum instrutor ou monitor, TODOS se voluntariaram para me ajudar, independentemente de ser na selva, no CIGS, durante o expediente, a noite ou no fim de semana. Fato este que me fez sentir orgulho (a muito tempo perdido) [...] (Q-2-R-25, 2020).

A Equipe de Instrução autodenomina-se Equipe Munduruku, “os cortadores de cabeça”, em referência aos índios Mundurukus, famosos por serem guerreiros natos, que eliminavam seus adversários e cortavam suas cabeças em um ritual chamado de Pariauté-rã. Após o ritual, as cabeças eram mumificadas e transformadas em troféus. Essa denominação faz referência ao fato de a Equipe de Instrução ser responsável por avaliar os alunos no curso, e ter que pedir o desligamento (a cabeça) daqueles que apresentam baixo rendimento, ou que não evidenciam as atitudes previstas para um Guerreiro de Selva. Outra referência que liga a Equipe de Instrução aos Mundurukus é o fato de o tapiri da Divisão de Ensino ser chamado de Ocara Munduruku.

O chapéu bandeirante é considerado um dos símbolos do Guerreiro de Selva. Esse símbolo tem a capacidade de assumir diversos significados, como podemos observar nas narrativas de fatos marcantes vividos por Guerreiros de Selva, iniciando por uma que mostra como o chapéu foi considerado algo valioso, digno de ser presenteado como reconhecimento de bravura:

Em operação na região amazônica, recebi lembranças do cacique da tribo (Tuchaua) por ser o chefe da operação e ser guerreiro de selva. Em resposta ao ato, concedi a ele meu chapéu bandeirante, como reconhecimento da bravura do cacique da tribo Cinta Larga (Q-1-R-134, 2020).

Na próxima narrativa de fato marcante, o chapéu serviu como o símbolo do Guerreiro de Selva, aquele que ministra as melhores e mais impressionantes instruções de sobrevivência: “Ao fim da instrução de sobrevivência ministrada por mim para os Soldados da “Cia Cmdo 6ª RM”, quando eu os cumprimentei e todos os Soldados da Companhia começaram a cantar "olha a onça dele no chapéu"” (Q-1-R-282, 2020).

No episódio seguinte, narrado por outro militar, o chapéu assumiu o papel de um amuleto, um objeto que serve para trazer sorte, felicidade e força:

Uma disputa de arco e flecha com um índio no PEF em Surucucu. Já tínhamos executado dois disparos cada um e não tínhamos acertado o alvo, então no terceiro disparo eu coloquei o chapéu bandeirante e acertei o alvo (Q-1-R-2, 2020).

Assim como as tropas de elite mais famosas do mundo possuem facas ou facões que as identificam, o Facão do guerreiro de Selva (FGS), figura 1, é o artefato emblemático dos Guerreiros de Selva.



Figura 1 – Facão do Guerreiro de Selva



Fonte: G1 Amazonas (2013).

A cerimônia de entrega do FGS ocorre poucas vezes por ano e é realizada no “Tapiri da Mística”, uma construção rústica localizada no interior do Campo de instrução do CIGS, mais conhecido como “Quadrado Maldito”, às margens do Igarapé Candiru, e que é usado exclusivamente para a realização desse evento.

Baseado na explicação de Scruton (2019), podemos concluir que o Tapiri da Mística torna-se algo sagrado para os Guerreiros de Selva por possuir um uso especial, além do fato de que usá-lo para eventos normais, ou por militares não Guerreiros de Selva, ser considerado um tipo de tabu.

A cerimônia de entrega do FGS, que já foi transmitida pelo canal de televisão Amazon Sat, inicia com os Guerreiros de Selva que serão agraciados com o facão sendo conduzidos pela “trilha da mística”, guiados pelo militar condutor da tocha. Esse deslocamento é feito no interior da selva e dura cerca de dez minutos. Ao chegar no Tapiri da Mística, eles ocupam os seus locais no dispositivo, completando uma mesa redonda, na qual já se encontram os paraninfos.

Após as palavras iniciais do cerimonialista, o comandante do CIGS passa a conduzir o evento. Ele começa sua fala dizendo que ali, no Tapiri da Mística, todos estão cercados de símbolos. Sobre a natureza generativa dos templos, Scruton (2019) explica como cada detalhe é construído com uma intenção de destacar símbolos de característica espiritual, os quais servem para dar uma resposta visual clara à pergunta “por quê?”. De maneira parecida, França (2001, p. 11) afirma que “busca-se se ater aos processos humanos e sociais de produção, circulação e interpretação de sentidos, fundados no simbólico e na linguagem”. Dessa forma, a comunicação emerge como um terreno propício para estimular ponderações acerca da noção de cultura e da identidade cultural (OLIVEIRA, 2019).

Na sequência da cerimônia, o Comandante do CIGS passa, então, a explicar o porquê de cada um dos símbolos. Ele inicia falando do Tapiri da Mística, uma construção rudimentar que lembra as



construções dos habitantes locais, onde o caboclo monta a sua casa e onde o Guerreiro de Selva prepara a instrução, fazendo com que o Tapiri, em si, seja um dos símbolos do Guerreiro de Selva. Na sequência, ele destaca a Bandeira Nacional, que está colocada no alto, indicando o real motivo de estarem reunidos ali, que é defender a pátria. O próximo símbolo é o Coronel Jorge Teixeira (representado por sua foto), o primeiro Comandante do CIGS, e que teria deixado um aru que até hoje influencia a maneira de se trabalhar no CIGS e que faz lembrar do dever dos Guerreiros de Selva, de defender a Amazônia brasileira, o seu solo sagrado, inspirando também os alunos do COS, que passam a difundir o espírito do Guerreiro de Selva por toda a Amazônia. Nesse momento, o Comandante do CIGS aponta para a primeira cadeira da mesa, que parece estar vazia, mas que, na verdade, estaria ocupada pelo espírito do Coronel Teixeira, que acompanha todas as cerimônias de entrega do FGS. Além disso, onde quer que tenham Guerreiros de Selva reunidos, o espírito do Teixeirão (como ele é mais conhecido) estará junto. Scruton (2019) afirma que, ao evocarmos os ancestrais e ensaiarmos constantemente a presença deles, temos também a promessa de que nós, os vivos, também seremos imortais quando chegar a nossa vez.

Sobre o aspecto da eternidade, podemos citar as palavras de um Capitão do Quadro Auxiliar de Oficiais (QAO) que exerceu a função de Monitor do CIGS entre os anos de 2000 e 2002:

[...] A função de Monitor foi a mais nobre exercida no EB [...] E meus planos ao passar para o plano superior é semear minhas cinzas no QUADRADO MALDITO, para permanecer conectado com os Guerreiros de Selva do passado, do presente e do futuro...[...] (Q-2-R-92, 2020).

Na sequência da descrição dos símbolos do Tapiri da Mística, o Comandante fala do piso do Tapiri da Mística, que lembra o couro de uma onça, animal escolhido como símbolo dos Guerreiros de Selva não por sua agressividade, mas por sua furtividade e por sua paciência para emboscar, pois só ataca de surpresa e com a certeza da vitória. Outro detalhe apontado é que as manchas pretas do piso não foram pintadas, elas foram feitas de madeira da Acariquara, uma das mais resistentes da Amazônia, representando uma das características do Guerreiro de Selva.

Caminhando para o final da cerimônia, o Comandante do CIGS faz um brinde em homenagem aos agraciados. A partir desse momento, cada recipiendário passa a narrar fatos marcantes vivenciados na Amazônia, ao mesmo tempo em que é servido jaraqui frito. Muitos dos fatos narrados despertam fortes emoções e militares de diferentes posições na escala hierárquica (oficiais e praças) interagem entre si como iguais. São contadas histórias que destacam grandes feitos, como missões desbravadoras nos pontos mais isolados da floresta, atos de bravura e até episódios tristes, misturando momentos de



alegria, de euforia e de lágrimas, mas que possuem como elemento comum a atuação do Guerreiro de Selva na Amazônia.

Dessa maneira, a cerimônia de entrega do FGS tem o poder de gerar forte vinculação afetiva entre os participantes, além de reforçar a identidade do Guerreiro de Selva.

Para desenvolver as atividades de instrução do curso, o CIGS dispõe de sete Bases de Instrução (BI), sendo a BI - 5 localizada na sede do quartel, na área urbana de Manaus, e seis BI no interior do campo de instrução, que possui aproximadamente 1.150 km² de área de selva preservada, correspondendo a cerca de duas vezes e meia a área urbana da cidade de Manaus (CCOMSEX/CIGS, 2014). Cada base de instrução possui características que definem para quais tipos de atividades elas estão mais vocacionadas.

Durante a maior parte do curso os alunos permanecem isolados da sociedade nas bases de instrução localizadas no Quadrado Maldito, onde devem cumprir as mesmas atividades em conjunto, conduzidos pela Equipe de Instrução, a qual possui o controle detalhado de todas as atividades que são realizadas, seguindo um plano de instrução, planejado para especializar o aluno em operações na selva, apresentando características do que Goffman (1974) chamou de Instituição Total (locais como edifícios, fábricas e quartéis, onde as pessoas dormem e trabalham em situação semelhante, separados da sociedade, por tempo considerável, e que são formalmente administradas e toleradas pela sociedade mais ampla). É importante destacar que o isolamento social ao qual os alunos são obrigados a passar durante o curso tem efeito que são amplamente sentidos, afetando não apenas as interações pessoais e relações sociais, mas também restringindo a possibilidade de desfrutar de atividades de lazer e entretenimento. Essas restrições, por sua vez, podem representar potenciais desencadeadores de problemas para a saúde mental e o bem-estar emocional (SENHORAS, 2020). Nas Instituições Totais, as principais representações sociais são a Equipe Dirigente, que desempenha um papel equivalente ao de Equipe de Instrução no COS, e os internados, cujo papel se assemelha aos dos alunos.

A formação do Guerreiro de Selva é muito mais do que uma especialização para o combate, pois:

[...] transforma “soldados” em verdadeiros “Guerreiros” [...] Eles estão dispostos a superar o que para muitos é “impossível” para se tornarem Guerreiros de Selva, dignos de ostentar no chapéu bandeirante, no brevê e no facão, a cara da onça. É o símbolo do guerreiro que venceu as três fases do curso considerado o melhor e mais difícil do mundo na formação de militares que operam em ambiente de selva (MARINHO, 2018).

Após o COS, a grande maioria dos Guerreiros de Selva servem em Batalhões de Infantaria de Selva (BIS). Na maioria das missões, as frações do Batalhão são empregadas de forma isolada, como



nos destacamentos que realizam patrulhas de fronteira para combater o fluxo e produção de entorpecentes (TEIXEIRA, 2020), aumentando a responsabilidade dos comandantes e a complexidade das ações. Por essa razão, é comum os Comandantes de Batalhão designarem, para missões sensíveis, os Guerreiros de Selva, por passarem maior sensação de confiança, conforme podemos observar nos seguintes relatos:

No retorno ao Batalhão, após o término do Curso, foi nítida a confiança dos superiores na capacidade adquirida, isso propiciou participar de missões na fronteira que não seriam possíveis se não tivesse conquistado o brevê da onça. Certa vez o Cmt me designou para realizar um Reconhecimento de fronteira fluvial que durou 23 dias, com efetivos civis e militares e mais de uma embarcação (Q-1-R-153, 2020).

O próximo fato narrado também exemplifica esse sentimento de que os Guerreiros de Selva são depositários de maior confiança por parte dos comandantes: “Eu recebi muita confiança dos meus chefes durante as operações que comandi, fossem elas atividades de instrução [...] ou ações reais, como transporte e destruição de toneladas munição apreendida” (Q-1-R-101, 2020).

É também na volta aos seus quartéis que os militares que realizam o COS percebem como passam a ser vistos de maneira diferente:

Mudança na forma com que os demais militares observam o Guerreiro de Selva, qualquer que seja o círculo, subordinados, pares ou superiores. As atitudes e a confiança se altera de forma significativa no trato, passando a confiar quando da participação em qualquer atividade (Q-1-R-73, 2020).

Outro exemplo que demonstra que quando o militar passa a ser um Guerreiro de Selva, muda a percepção que os outros possuem dele, é o descrito a seguir:

Percebi fortemente que o fato de ter ido para o curso e voltado com a cara da onça influenciou na liderança e na confiança que minha fração punha em mim. Não somente no ano que retornei, mas também no ano seguinte em que vi subordinados mostrarem orgulho de serem comandados por um GS, em detrimento de outros militares que eram comandados por militares não especializados (Q-1-R-108, 2020).

As palavras do Comandante Militar da Amazônia, General de Exército Estevam Cals Theophilo, dirigidas aos novos Guerreiros de Selva, durante a formatura de brevetação realizada em outubro de 2020, reforçam a ideia de como os militares passam a ser vistos de maneira diferente quando se formam no CIGS:



[...] Os senhores estão de parabéns. Concluíram o melhor curso de operações na selva do mundo. E vocês têm que levar esse orgulho para o resto de suas vidas. Mostraram porque são capazes disso. [...] Em todo lugar que vocês tiverem, serão olhados como Guerreiros de Selva. Nunca mais na vida de vocês, vocês largarão essa insígnia que botaram no peito hoje, e botam no gorro também. A onça é um peso grande de responsabilidade nos ombros de vocês. Vocês têm que carregar uma tradição imensa (THEOPHILO, 2020).

O pequeno número de Guerreiros de Selva existentes nos BIS torna mais raro o privilégio que poucos possuem de ostentar os seus símbolos, fazendo com que eles sejam ainda mais desejados, fato que eleva o seu capital simbólico, resultando em mais prestígio e *status* para quem os possui.

Ainda sobre o processo de socialização do Guerreiro de Selva, é importante observar que os conhecimentos adquiridos no COS sobre as nuances da natureza e sobre a cultura do Caboclo da Amazônia são potencializados com a convivência diária com os cabos e soldados nos Batalhões de Infantaria de Selva, conforme podemos observar no seguinte relato: “A habilidade que adquire, não somente no curso, mas também com os militares amazônidas, que trazem o conhecimento empírico e experiências para os quartéis de selva em seu período de serviço militar” (Q-1-R-112, 2020). O fato de o militar passar pelo Curso de Operações na Selva funciona como um rito de passagem que o torna um ser amazônico, alterando a maneira como os Cabos e Soldados, que são habitantes locais, o enxergam. Tal aspecto ficou evidenciado no relato de um fato marcante apresentado por um Major de Infantaria:

Quando fui realizar o COS B eu era Comandante do 3º PEF - São Joaquim. Lembro que quando voltei do Curso, com a onça no peito, os militares do Pelotão, em sua maioria de origem indígena, passaram a me tratar de forma diferente. Esta diferença não está relacionada a serem mais enquadrados/disciplinados. A diferença é que faziam questão de ensinar mais de suas culturas, sobre seu modo de vida, suas crenças. Foi como se passassem a me enxergar não mais como um estranho, mais um igual a eles. Quando falava algo a respeito da selva, das técnicas e táticas, até nas missões mais simples, eles me olhavam de forma diferente, conversavam mais e isso era muito gratificante. Certos episódios na vida são como tatuagens que ficam marcados para sempre no coração e na mente. SELVA! (Q-1-R-148, 2020).

Dessa maneira, as relações étnico-raciais passam a ser forjadas a partir do reconhecimento e respeito às culturas dos povos de diferentes pertencimentos étnico e raciais, já que a diversidade racial, cultural social e econômica se coloca como uma perspectiva também para os indígenas (SILVA; EUGENIO, 2022).

A importância da socialização do Guerreiro de Selva nas Unidades da Amazônia após o término do curso também foi apontada como fundamental para a consolidação da sua identidade, conforme o relato de um Major de Infantaria:

A Identidade do Guerreiro de Selva é construída durante o COS, mas só é consolidada se vivenciada. Não basta ao soldado aprender sobre a selva, é preciso vivê-la na prática, não apenas



no Curso. Não sendo assim, o curso só é mais um broche, um adorno na farda. Para ter a Identidade de um Guerra na Selva é preciso amar a selva, todos as suas lendas, suas dificuldades e desafios. A Selva nos une, porque a dificuldade tem este poder, de fazer homens estranhos se tornarem irmãos em prol de uma causa, de um sentimento, de uma identidade. SELVA! (Q-1-R-148, 2020).

Dessa maneira, infere-se que o campo etnográfico onde se encontra o fenômeno pesquisado é o Curso de Operações na Selva do CIGS e as Unidades de Selva onde os militares que concluem o COS consolidam sua identidade de Guerreiro de Selva.

Passaremos agora a analisar os questionários respondidos pelos militares especialistas em operações na selva. A primeira pergunta analisada pedia para o militar responder se ele é reconhecido por amigos militares como um Guerreiro de Selva. O resultado indicou que 99% dos Guerreiros de Selva são reconhecidos por sua especialização no meio militar, explicando a ideia apresentada por Woodward (2012), de que nós nos identificamos com o que queremos ser.

O item 2 do questionário tinha como objetivo descobrir quais são as principais características dos Guerreiros de Selva. Para esse fim, foram apresentadas 20 características retiradas dos seguintes locais: Perfil Profissiográfico do Concludente do COS; Oração do Guerreiro de Selva; Leis da Guerra na Selva; Canção do CIGS; poema Que Não Ousem; e três características retiradas aleatoriamente das Normas para o Desenvolvimento e Avaliação dos Conteúdos Atitudinais (NDACA), tudo com a finalidade de conferir as percepções sobre as características dos Guerreiros de Selva, e verificar se elas se limitam às previstas na documentação curricular do curso.

Para realizar a análise desse item, montamos um quadro único (quadro 1), apresentando o resultado em ordem decrescente de escolha, além de informar o local de onde a característica foi retirada.

Interpretando o quadro, percebemos que quatro respostas foram selecionadas por mais de 80% dos respondentes, sendo que as três mais escolhidas (perseverante, resiliente e persistente) apresentam características muito semelhantes, e que estão relacionadas com a capacidade de resistir e seguir em frente, apesar de todas as dificuldades. Essas características são coerentes com os desafios que os alunos enfrentam no COS, onde muitos desistem e ficam pelo caminho.

Como vimos anteriormente, a formação de guerreiros exige a instauração de uma série de obstáculos, onde o soldado é exposto ao frio, ao calor e à privação de sono, tudo com o intuito pragmático de adaptá-lo a uma situação de guerra, mas que também contém aspectos próprios dos ritos de passagem, rumo à conquista de um *status* de guerreiro (MAGALHÃES, 2015). O COS também apresenta as características de um rito de elevação de *status*, tipo de ritual onde os iniciados são despojados de todas as distinções sociais, além de serem humilhados e punidos, passando por todos os



tipos de privações, com o objetivo de rebaixá-los a uma espécie de prima matéria humana, e de torná-los mais resistentes, obedientes e viris (TURNER, 1974).

Quadro 1 - Resultado do item 2

Característica	Porcentagem	Local de onde a característica foi retirada
Perseverante	93,1%	Oração do Guerreiro de Selva
Persistente	90,8%	Perfil Profissiográfico do Concludente do COS Categoria “B” e Oração do Guerreiro de Selva
Resiliente	81%	Leis da Guerra na Selva
Camarada	80,7%	Canção do CIGS
Rústico	78,8%	Leis da Guerra na Selva
Planejador	75,5%	Perfil Profissiográfico do Concludente do COS Categoria “B”
Abnegado	72,9%	Oração do Guerreiro de Selva
Militar com muita iniciativa	72,9%	Leis da Guerra na Selva
Corajoso	62,1%	Canção do CIGS
Habilidoso	57,8%	Canção do CIGS
Dedicado	55,2%	Perfil Profissiográfico do Concludente do COS Categoria “B”
Astuto	54,9%	Oração do Guerreiro de Selva
Paciente	53,3%	Oração do Guerreiro de Selva
Militar com muito equilíbrio emocional	50,7%	Perfil Profissiográfico do Concludente do COS Categoria “B”
Audaz	43,8%	Poema Que Não Ousem
Sóbrio	39,8%	Oração do Guerreiro de Selva
Flexível	30,1%	Aleatório da NDACA
Ligado à natureza	27,5%	Poema Que Não Ousem
Comunicativo	7,2%	Aleatório da NDACA
Tolerante	5,2%	Aleatório da NDACA

Fonte: Elaboração própria.

Essas características também confirmam o que escreveram Galvão e Montenegro (2013), de que não é certo que serão os alunos com o melhor preparo físico que chegarão ao final do curso. Ou seja, os Guerreiros de Selva foram os alunos já apresentavam um melhor preparo mental, conseguindo superar todas as dificuldades para concluir o curso.

A quarta característica de Guerreiro de Selva mais selecionada pelos respondentes foi a de “camarada” (80,7%). Esse resultado pode ser explicado pelo que Brochado (2001) chamou de camaradagem militar, que é um relacionamento solidário que se estabelece entre combatentes em decorrência das atividades profissionais que exigem sacrifícios de todos. Turner (1974) também afirma que os fenômenos liminares dos ritos de passagem produzem, dentre outras coisas, homogeneidade e camaradagem. De maneira semelhante, Scruton (2019) explica que o grupo que é unido por rituais de sacrifício apresenta em suas relações, como a relação de amizade, obrigações que são dotadas de um caráter eterno. Nesse mesmo sentido, Castro (2004) afirma que os exercícios de campo são vistos como geradores de união, pois seriam mais unidos aqueles que sofrem mais juntos.



Ainda sobre o que diferencia o Guerreiro de Selva dos outros militares, um 1º Sargento de Infantaria, que desempenhou a função de Monitor do CIGS, afirmou que:

Creio que a principal diferença é a camaradagem, que é criada durante o curso e principalmente após a formação, onde se encontram, há um espírito de camaradagem e um sentimento de que aquele militar com o brevê no peito já foi testado e tem algo a mais que possa diferenciá-lo de outros militares (Q-2-R-49, 2020).

Podemos observar que todos os relatos apresentados relacionam a camaradagem com a superação das dificuldades, seja durante o COS, seja durante a vivência na selva. Tais relatos mostram total coerência com as quatro características dos Guerreiros de Selva mais escolhidas pelos respondentes (perseverante, resiliente, persistente e camarada). Essas quatro características estão relacionadas com o aprender a ser e com o aprender a conviver, que dizem respeito aos conteúdos atitudinais.

O terceiro item analisado foi uma pergunta aberta onde os respondentes tinham que opinar sobre o que diferencia os Guerreiros de Selva dos outros militares. 98% dos respondentes acreditam que os Guerreiros de Selva são diferentes dos outros militares. Tal fato contribui para o fortalecimento da identidade dos Guerreiros de Selva, pois, segundo Woodward (2012), quanto maior for a diferença de um grupo para outro e quanto maior for o poder desse grupo excluir o outro, mais forte será sua identidade.

A segunda parte da análise ocorreu em duas etapas. Na primeira etapa foi utilizado o *software* Iramuteq, que processa análises estatísticas sobre *corpus* textuais. A ferramenta utilizada foi a que constrói uma nuvem hierarquizada de palavras (figura 2), onde as mais recorrentes aparecem mais ao centro e com tamanho maior.

Figura 2 – Nuvem de palavras.



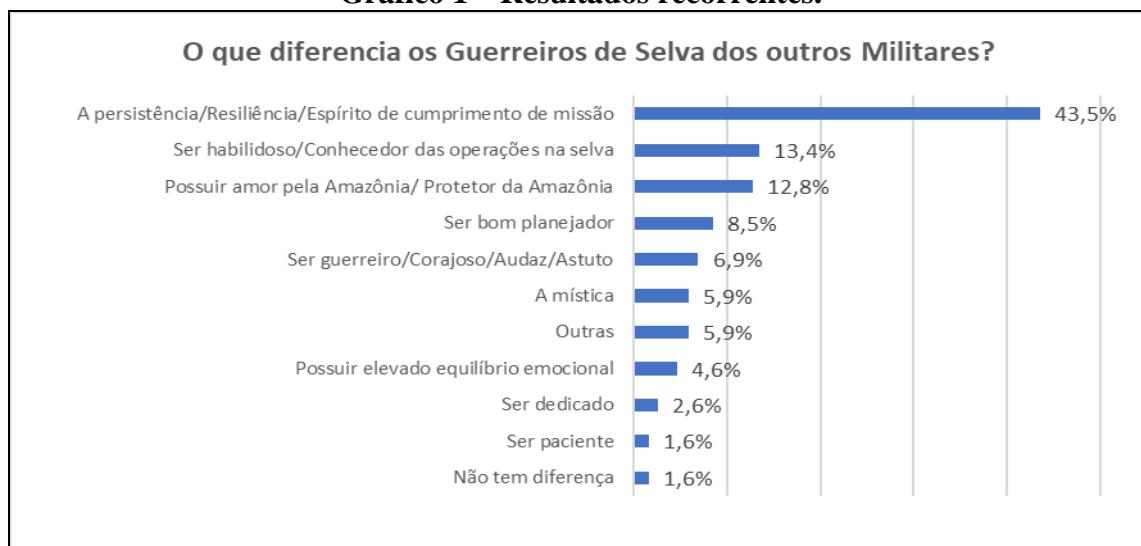
Fonte: Elaboração própria.



Observando a nuvem de palavras, percebemos que a palavra selva foi a mais recorrente, demonstrando ser a que possui maior relevância na diferenciação dos Guerreiros de Selva dos demais militares, seguida das palavras missão, militar, capacidade, conhecimento, operação, ambiente, Amazônia, cumprimento, iniciativa, guerreiro, espírito, curso e conhecimento.

Como o *software* Iramuteq faz uma seleção fria de cada palavra separadamente, foi necessário seguir para uma segunda etapa de análise desse item, onde foi realizada a leitura minuciosa das respostas apresentadas, interpretadas dentro do contexto dessa pesquisa, com o objetivo de confirmar as recorrências, que depois foram categorizadas e contabilizadas. O resultado dessa análise está representado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Resultados recorrentes.



Fonte: Elaboração própria.

O resultado desse item demonstra que quase metade dos respondentes (43,5%) indicaram que o que diferencia os Guerreiros de Selva dos outros militares é o fato deles serem mais persistentes, resilientes e possuem um elevado espírito de cumprimento de missão. Esse item confirma as características mais escolhidas no item 2, além de indicar que o Guerreiro de Selva passou pelo processo formativo da “Pedagogia do Guerreiro”, que leva o militar a buscar o cumprimento da missão a qualquer custo, envolvendo o sacrifício e a ultrapassagem de limites físicos e mentais. Temos aqui também o que Brochado (2001) chamou de sentimento místico da *honra militar*, no qual o soldado busca merecer o bom conceito dos camaradas pelo “pundonoroso cumprimento de deveres sobresselentes ou sacrificantes obrigações sobre crise” (BROCHADO, 2001, p. 158).

A segunda categoria mais recorrente (ser habilidoso/conhecedor das operações na selva) foi descrita por 13,4% dos respondentes. Essa categoria indica que os respondentes consideram que a



especialização em operações na selva do CIGS é um feito importante na carreira militar, fornecendo uma capacitação técnica capaz de diferenciar os Guerreiros de Selva dos outros militares.

A terceira categoria mais recorrente foi a que considerou que o amor pela Amazônia/sentimento de protetor da Amazônia são os fatores que diferenciam os guerreiros de Selva dos outros militares. Esse resultado demonstra que a experiência vivida no COS, somada ao período em que o militar serve na selva, criam um forte vínculo afetivo entre o militar e a Amazônia, fortalecendo o espírito de cumprimento de missão das tropas que atuam para defender e proteger essa região do País, conforme podemos perceber no seguinte relato: “O ambiente operacional distinto agrega valores, tradições e espírito combativo. Essas características torna o Guerreiro de Selva um combatente diferente” (Q-1-R-103, 2020).

No quarto item, foi realizada uma pergunta aberta, onde o respondente deveria dizer se percebeu alguma mudança na sua “maneira de ser” e, caso positivo, descreveria a mudança percebida. Inicialmente contabilizamos quantos respondentes perceberam que mudaram a sua “maneira de ser” após o curso, fato que foi descrito pela ampla maioria dos respondentes (94,8%).

Observa-se que os dados confirmam o impacto causado pelos diversos ritos de passagem que ocorrem durante o COS, nos quais o aluno sofre uma “pequena morte”, seguida de um “renascimento”, em uma nova condição mais próxima do objetivo final de se transformar em um Guerreiro de Selva, bem como de demonstrar que a Equipe de Instrução possui a capacidade de modelar a concepção que o aluno tem de si. Tal movimento se alinha ao que Goffman (1974) chamou de reestruturação do *Self*. A mudança ocorrida na “maneira de ser” também confirma Foucault (2014), quando este afirma que “o soldado tornou-se algo que se fabrica”. Percebemos, também, que essa mudança do “ser” permanece mesmo após o final do curso.

Ainda em relação a mudança na maneira de ser, observa-se na nuvem de palavras (figura 3) que a palavra *autoconfiança* foi a mais recorrente, seguida das palavras *maior*, *confiança*, *curso*, *aumento*, *selva*, *auto* e *iniciativa*.

Dessa maneira, podemos inferir que, de maneira geral, os discursos dos participantes do questionário apresentam referências sobre as mudanças percebidas na maneira do ser, como a autoconfiança, o dar valor às coisas pequenas, o aumento da iniciativa, a maior responsabilidade com as missões na selva, a confiança na sua capacidade de planejamento e ter uma atitude de militar mais confiante.



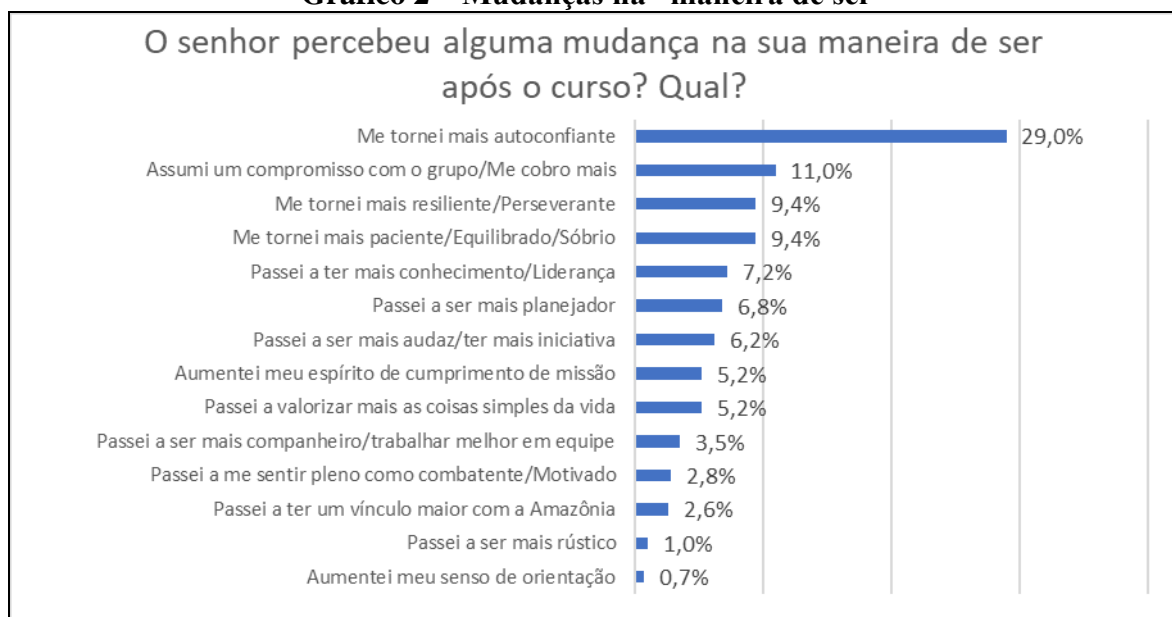
Figura 3 – Nuvem de palavras



Fonte: Elaboração própria.

Complementado a análise realizada utilizando o software Iramuteq, foi realizada a leitura minuciosa das respostas apresentadas, interpretadas dentro do contexto estudado, com o objetivo de confirmar as recorrências, que depois foram categorizadas e contabilizadas. O resultado está representado no gráfico 2.

Gráfico 2 – Mudanças na “maneira de ser”



Fonte: Elaboração própria.



O aumento da autoconfiança reforça o conceito da pedagogia do herói (MAGALHÃES, 2015), no qual o sentimento de honra pessoal, que é a autoestima ou o sentimento do seu próprio valor pessoal, que busca a exteriorização de suas qualidades incomuns em feitos extraordinários, como o de conseguir concluir o curso de Operações na Selva.

De modo geral, a análise dos dados sinalizou similitudes quanto aos aspectos cognitivos, no que se refere aos conhecimentos sobre a Amazônia e em relação às operações na selva, e aos aspectos atitudinais, que indicam uma mudança na maneira de “ser”, como o incremento de elementos da cultura amazônica e o aumento da autoconfiança.

CONCLUSÃO

Em conclusão, esta pesquisa abordou o processo de formação da identidade do Guerreiro de Selva, com foco nas atividades realizadas no Curso de Operações na Selva e na interação entre militares e a cultura amazônica, considerando as influências que moldam essa identidade. Os resultados revelaram que a construção da identidade é um fenômeno dinâmico e não linear, composto por uma complexa rede de fatores individuais, contextuais e culturais.

O Curso de Operações na Selva do CIGS desempenha um papel central na construção da identidade do Guerreiro de Selva, proporcionando aos militares um treinamento duro, ao mesmo tempo em que apresenta as particularidades da região amazônica, suas tradições e saberes ancestrais. A convivência com a cultura amazônica durante o curso e a interação com os caboclos locais reforçam o sentido de pertencimento e conexão com a Amazônia, consolidando a identidade do Guerreiro de Selva como um ator singular no contexto militar brasileiro.

Os símbolos, como o brevê, o chapéu bandeirante e o Facão do Guerreiro de Selva, assumem diversos significados e representações para os Guerreiros, refletindo o prestígio e o *status* atribuídos a essa identidade especializada. A cerimônia de entrega do Facão, realizada em um ambiente carregado de simbolismo, reforça a noção de uma comunidade unida por rituais de sacrifício e camaradagem.

A formação do Guerreiro de Selva exige resiliência, perseverança e persistência diante de desafios físicos e mentais. A superação desses obstáculos reforça o sentimento de cumprimento de missão, alimentando o orgulho e a autoconfiança dos Guerreiros de Selva. A convicção de serem capazes de enfrentar situações adversas contribui para uma percepção diferenciada de si mesmos e é reconhecida pelos seus pares e comandantes.

Por fim, o estudo ressalta a importância de compreender a identidade do Guerreiro de Selva como uma construção complexa e multifacetada, resultado da interação entre indivíduos, cultura e



contexto social. A formação desses militares especializados tem um impacto significativo na sociedade, visto que influencia a maneira como são vistos e reconhecidos pelos demais militares e pela população que convive próximo de Unidades militares na Amazônia.

Nesse sentido, o reconhecimento da identidade do Guerreiro de Selva e a valorização das características que a compõem são fundamentais para fortalecer a instituição militar e suas atividades na região amazônica. A preservação da cultura amazônica e a valorização do papel dos Guerreiros de Selva na defesa e proteção da Amazônia brasileira contribuem para uma sociedade mais consciente da sua riqueza cultural e ambiental.

Em termos práticos, a compreensão dos fatores que influenciam a construção da identidade do Guerreiro de Selva pode fornecer subsídios para o aprimoramento do currículo do Curso de Operações na Selva, tornando-o ainda mais eficaz na formação desses militares especializados. Além disso, políticas institucionais que valorizem e reconheçam a identidade do Guerreiro de Selva podem contribuir para o fortalecimento da instituição militar e no relacionamento do Exército com a população local.

Diante disso, torna-se essencial a continuidade de pesquisas que aprofundem o entendimento da identidade do Guerreiro de Selva e sua relação com a cultura amazônica, possibilitando um enriquecimento contínuo do conhecimento sobre esse fenômeno e suas implicações para a sociedade brasileira. Somente por meio de uma abordagem interdisciplinar e sensível às complexidades do contexto amazônico será possível fortalecer a identidade do Guerreiro de Selva e promover uma convivência mais harmoniosa e sustentável na região.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.
- BENELLI, S. J. **A lógica da internação**: instituições totais e disciplinares (des)educativas. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.
- BORGES, P. R. **O declínio dos ritos de passagem e suas consequências para os jovens nas sociedades contemporâneas** (Dissertação de Mestrado em Educação). São Paulo: USP, 2013.
- BRASIL. **Diretriz de Educação e Cultura do Exército Brasileiro 2016-2022**. Brasília: Planalto, 2015.
- BRASIL. **Regulamento do CIGS**. Brasília: Planalto, 2017.
- BROCHADO, J. M. S. **O caráter dos soldados**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 2001.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. "Identity and Interaction: a sociocultural linguistic approach". *In*: BUCHOLTZ, M.; HALL, K. **Discourse Studies**. London: Sage Publications, 2005.



CAETANO, C. C.; SENHORAS, E. M. **Ensino superior em Segurança Pública no Brasil e em Roraima**. Boa Vista: Editora Iole, 2021.

CARVALHO, J. M. **Forças Armadas e política no Brasil**. São Paulo: Editora Todavia, 2019.

CASTRO, C. **O Espírito Militar: um antropólogo na caserna**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

CCOMSEX; CIGS - Centro de Comunicação Social Do Exército; Centro de Instrução de Guerra na Selva. **Centro de instrução de Guerra na Selva, 50 anos**. Brasília: Planalto, 2014.

DAMATTA, R. "Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade". **Mana**, vol. 6, n. 1, 2000.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Editora Porto, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FRANÇA, V. V. "Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?" **Ciberlegenda**, n. 5, 2001.

GALVÃO, F.; MONTENEGRO, A. "Preparação de equipes de alta performance sob estresse". **Defesanet**. [2013]. Disponível em: <www.defesanet.com.br>. Acesso em: 12/07/2023.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GOMES, M. L.; SENHORAS, E. M. **Geopolítica e geo-história militar: da Amazônia a Roraima**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

JUN, H. "Identity Construction and Multiple Identities". *In*: JUN, H. **Social Justice, Multicultural Counseling, and Practice**. Berlin: Springer, 2018.

MAGALHÃES, S. M. C. "Pedagogia do Guerreiro". **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 120, 2015.

MARINHO, K. "Quem são Eles? São os Guerra!". **Revista Verde-Oliva**, n. 242, 2018.

MARQUES, A. A. **Amazônia: pensamento e presença militar** (Tese de Doutorado em Ciência Política). São Paulo: USP, 2007.

MARQUES, R.; CAMPOS, M. A. T. "A insurgência da cultura na escola como paradigma na pós-modernidade na educação". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 13, n. 37, 2023.

MEI, W.; SYMACO, L. P. "Students' Entrepreneurial Identity Construction: Role and Social Identity Influences". **SAGE Open**, vol. 12, n. 2, 2022.



MIRANDA, E. M. “A invenção discursiva da Amazônia a partir das cartas de viajantes europeus”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 41, 2023.

NICÁCIO, R. L.; MIKI, P. S. R. “Os professores indígenas da rede de ensino de marechal Thaumaturgo/Acre”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 41, 2023.

OLIVEIRA, H. V. **Cultura popular e folkcomunicação: um estudo dos festejos do Boa Vista Junina**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019.

PRATT, M. G. “Rethinking Identity Construction Processes in Organizations: Three Questions to Consider”. In: SCHULTZ, M. *et al.* (eds.). **Constructing Identity in and around Organizations**. Oxford: Oxford Academic, 2012.

SCRUTON, R. **A alma do mundo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

SENHORAS, E. M. (org.). **COVID-19: Educação e a Ótica Docente**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SILVA, A. C. S.; EUGENIO, B. G. “Relações étnico-raciais e currículo na educação básica: estado do conhecimento nas teses e dissertações (2009-2019)”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 11, n. 31, 2023.

SILVA, T. T. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

TEIXEIRA, V. M. **Geopolítica das Organizações de Cooperação em Defesa**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

TURNER, V. W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

WOODWARD, K. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 43 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima